

Cel Claudio Moreira Bento

Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e geografia Militar do Brasil (IGHMB), do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro (IHGB) e do Instituto Histórico de Petrópolis... e biógrafo do Duque de Caxias em Caxias e a Unidade Nacional. Porto Alegre: AHIMTB/GENESIS, 2003.

MARECHAL DE EXÉRCITO JOÃO DE SOUZA DA FONSECA COSTA – CHEFE DO ESTADO-MAIOR DE CAXIAS NA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA E HERDEIRO DE SUA ESPADA DE GUERRA, DEMAIS ARMAS E CAVALO DE GUERRA ENSILHADO.

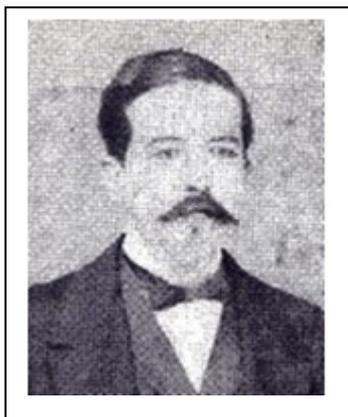


Foto 1: Visconde da Penha e Marechal de Exército João de Souza da Fonseca Costa (Cedida ao autor por João Simões Lopes Filho, por intermédio do acadêmico da AHIMTB Ten R/2 Engenharia Luiz Alberto de Costa Fernandes, acadêmicos da FAHIMTB, Cadeira Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares

O CONCEITO DE CAXIAS SOBRE O VISCONDE DA PENHA

O Marechal de Exército João de Souza da Fonseca Costa, Visconde da Penha, foi como tenente, Ajudante de Ordens de Caxias na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) e, como coronel e brigadeiro, Chefe do Estado-Maior de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança (1866-68), e quem herdou em testamento a sua invicta espada das 6 campanhas vitoriosas que comandou. Espada invicta das quais os espadins dos Cadetes do Exército, são cópias em escala e símbolo da Honra Militar.

Conforme registramos em nosso livro **Caxias e a Unidade Nacional** (Porto Alegre: AHIMTB, 2003), o Marquês de Caxias assim se referiu ao Marechal de Exército João de Souza da Fonseca Costa, Visconde da Penha, no elogio antes de deixar, vitorioso, o comando das forças do Império, depois da conquista do objetivo político da guerra, a conquista de Assunção:

“Prestou-me como chefe de meu Estado-Maior a mais dedicada cooperação, em tudo quanto tem dependido de seu alto emprego, não só na condução regular de todos os negócios de meu serviço político a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre a meu lado, recebendo e transmitindo minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes.”

VISCONDE DA PENHA RECEBE A ESPADA INVICTA DE CAXIAS

Tanto era o apreço de Caxias pelo então Barão da Penha que, em seu testamento, em 1874, assim manifestou sua vontade e a enorme consideração que dispensava ao seu heroico Chefe do Estado-Maior na Guerra da Tríplice Aliança:

“Deixo ao meu amigo e companheiro de trabalho João de Souza da Fonseca Costa, como sinal de lembrança, todas as minhas armas, inclusive a espada com que comandei seis vezes, em campanha, e o cavalo de minha montaria, com os arreios melhores que tiver no momento de minha morte.”

O Duque de Caxias, além desse destaque ao seu ajudante de Ordens na Guerra contra Oribe e Rosas e, mais tarde, seu chefe de Estado-Maior na Guerra da Tríplice Aliança, fez também as seguintes determinações testamentárias:

Não permitir seu embalsamento, a feitura de convites para seu sepultamento nem honras militares. Em lugar disso, que mandassem soldados antigos e de melhor comportamento para pegar nas argolas de seu caixão e, no fim de enterro, dar a cada um 30.000 réis de gratificação.

Deixar a seu criado, no sentido de filho de criação, e não no de empregado, Luiz Alves (seu homônimo), toda a roupa de seu uso e quatrocentos mil réis. Seu criado fora um pequeno índio órfão que Caxias trouxera do Maranhão e batizara com o seu nome e criara no seio de sua família.

Deixar para a irmã, Baronesa de Surui, as condecorações de brilhantes de Ordem de D. Pedro I. Para seu irmão, o Visconde de Tocantins, seu candieiro de prata (castiçal) que herdara de seu pai. A seu amanuense (escrivão) leal, Capitão Salustiano, deixou seu relógio de ouro. A sua afilhada, Anna Eulália, dois contos de reis. E o que mais possuía foi repartido com suas filhas Anna e Luiza.

e



Posse do Major Antonio André, veterano das Comunicações na FEB e seu historiador, na sua posse como acadêmico, na cadeira especial Tenente General João de Souza da Fonseca Costa Visconde da Penha. Sentados, da esquerda para a direita: Eng e Ten R2 Israel Blajberg Delegado da AHIMTB no Rio, Major Antônio André, Cel Claudio Moreira Bento, presidente da AHIMTB, acadêmico Gen Ex Paulo Cesar de Castro, presidente de Honra da cerimônia e Ten Dentista na FEB, Dr Israel Rosenthal. De pé da esquerda para a direita: Veterano FEB Genival Máximo de Oliveira, acadêmico Ten R2 Sérgio Pinto Monteiro, acadêmico Cel Lacerda, acadêmico ST Bombeiro Mattos, Mario Pereira, Guardião do Monumento Votivo FEB na Itália, acadêmico General Geraldo Luiz Nery, acadêmico D. Beto, acadêmico Cel Claudio Skora Rosty, Acadêmico Cel Andrade Neto, acadêmico PMRJ Cel Vidal, Acadêmico Cel José Spangeberg. (Fonte: Quadro na sede da FAHIMTB, na AMAN)

VISCONDE DA PENHA, PATRONO DE CADEIRA ESPECIAL NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, COMO PIONEIRO EM COMUNICAÇÕES EM COMBATE A SERVIÇO DE CAXIAS

O Marechal de Exército e Visconde da Penha, ao contrário de seu pai, o Tenente-General Manoel Antônio da Fonseca Costa, Marquês da Gávea, não foi abordado pelo Capitão Alfredo Manoel da Costa Pretextado na obra **Generais do Exército Brasileiro** (Rio de Janeiro: M. Osório, 1907). Tampouco o foi em outras sínteses biográficas de generais do Exército Brasileiro no Império ou em livros de outros autores. Só foi citado por Laurênio Lago em **Os Generais do Exército Brasileiro 1860 a 1869** (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.p.62s)

O Visconde da Penha estava esquecido e permanecia sob a espessa camada de pátina dos tempos, de onde o resgatamos, como homenagem ao amigo do patrono do Exército Brasileiro e da Federação de Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que em 1º de março completará 20 anos de profícua existência, funcionando ao abrigo de instalações da Academia Militar das Agulhas Negras que a acolheu em suas instalações..

Caxias quando no exercício de suas funções de Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros, em 1861, buscou adaptar, à luz dos fundamentos da Arte e da Ciência Militar. às realidades operacionais sul-americanas, que vivenciara em cinco campanhas vitoriosas, a Doutrina Militar Terrestre de Portugal, de influências inglesa, feita para as realidades operacionais europeias. E enfatizou: “[...] até que o Brasil disponha de uma Doutrina Militar Terrestre genuína”. Sonho ainda por realizar!

Pesquisando fontes diversas, concluímos, relativamente ao nosso esquecido herói, Visconde da Penha, consagrado patrono da Cadeira Especial da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, pioneiro em Comunicações em combate, a serviço do Comandante do Exército Brasileiro, na Batalha de Tuiuti até a entrada vitoriosa em Assunção do Exército Aliado.

VISCONDE DA PENHA: SEU NASCIMENTO, SEU PAI, SUA FORMAÇÃO E SUA ESPOSA

João de Souza Fonseca Costa nasceu no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1823 e faleceu em Paris, em 9 de janeiro de 1902, com 78 anos, cidade para onde imigrara para acompanhar o exílio da Família Imperial, decorrente da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. Seguramente, para lá levou consigo a invicta espada e as armas do Patrono do Exército, recebidas por testamento nove anos antes.

O Visconde da Penha era filho do Marquês da Gávea e Marechal de Exército Manoel Antonio da Fonseca Costa, que fez carreira na Cavalaria, no atual regimento dos Dragões da Independência, em Brasília. Comandou um esquadrão que atuou no combate à confederação do Equador, em 1824, ao comando do pai de Caxias, o então Coronel Francisco Lima e Silva, seu parente, de quem, em seguida, foi Ajudante de Ordens, em 1828, no Comando das Armas de São Paulo.



Foto do Marquês da Gávea que foi por longo período o Ajudante General do Exército, em realidade o seu comandante e da Guarnição da Corte

Com a Abdicação de D. Pedro I, o Marquês da Gávea foi Ajudante de Ordens do tio de Caxias, o Visconde de Magé, que comandara o Batalhão do Imperador e o Exército Libertador da Bahia em 1824.

Na Revolução Liberal de São Paulo, em 1842, o pai do Visconde de Penha atuou como Ajudante de Ordens do então Barão de Caxias e como encarregado do Detalhe (como se chamava Boletim Interno à época).

Vê-se a ligação estreita dos Fonseca Costa com os Lima e Silva. A mãe de João de Souza da Fonseca da Costa era a Marquesa Maria Almeida de Mendonça de Corte Real.

João de Souza da Fonseca Costa bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Militar do Largo de São Francisco, bicentenária em 2011. Casou-se com D. Maria da Penha Miranda Montenegro, sua prima, filho dos Viscondes de Vila Real da Praia Grande.



A esposa do Visconde da Penha, a Viscondessa da Penha D. Maria da Penha de Miranda Montenegro.

(foto cedida por João Simões Lopes Filho, por intermédio do acadêmico da FAHIMTB Te, R/2 Eng Luiz Alberto de Costa Fernandes)

CONDECORAÇÕES POR CAMPANHAS MILITARES E TÍTULOS NO IMPÉRIO

Por ações em campanhas militares o Visconde da Penha foi agraciado com as medalhas da Campanha do Uruguai de 1852; a da Guerra da Tríplice Aliança, e a Medalha do Mérito, ao deixar o teatro de guerra, com Caxias em 1869.

Foi Conselheiro de Guerra, Comandante do Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe, Ajudante de Campo do Imperador D. Pedro II, titulado Grande do Império, Veador de S.M. a Imperatriz e Moço Fidalgo, com exercício na Casa Imperial, e Dignitário da Ordem Imperial do Cruzeiro, Grã Cruz da Imperial Ordem de São Bento de Aviz, Oficial da Imperial Ordem da Rosa e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

OBRAS QUE PRODUZIU E QUE FORAM DIVULGADAS

O Visconde da Penha escreveu os seguintes trabalhos:

- **Compromisso da Irmandade Santa Cruz dos Militares** (também assinado por Antônio Manoel de Mello, Conrado Jacob Niemayer e José Gonçalves Victória). . Rio de Janeiro 1853;

- **Projeto e Regulamento para prisões militares**. Rio de Janeiro, 1847;

- **Prisões Militares**. Rio de Janeiro, 1847;

(Caxias e seu Chefe de Estado-Maior na Guerra na Guerra da Tríplice Aliança solucionaram o problema de prisões militares em campanha. Implantaram nos acampamentos, cuja vigilância e guarda era um suplício para os encarregados de evitar fugas, que ocorriam com frequência, punições aos guardas. Por isso, Caxias adotou o sistema de prisões em navios de nossa Marinha.)

- **Posição das Forças imperiais por ocasião da ação de Ponche Verde**.

Trabalho que escreveu quando participou como jovem oficial da pacificação da Revolução Farroupilha. O IHGB possui o original em aquarela que lhe foi doada pelo Imperador D. Pedro II.

CAMINHOS DA INVICTA ESPADA DE CAXIAS DEPOIS DE SUA MORTE

Supõe-se que o Visconde da Penha tenha mantido consigo, por doze anos na França, a espada de campanha do Duque de Caxias.

Em 1902, essa relíquia, que figura no brasão da AHIMTB, como a mais representativa espada do Brasil, teria retornado e ficado por cerca de 23 anos em poder de seu neto o Contra Almirante (post mortem) Caetano Taylor Fonseca Costa, Oficial que num gesto de nobreza e patriotismo decidiu doá-la em 1925, por intermédio do Dr. Eugenio Vilhena Moraes, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Em 1930 o Cel José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, comandante da Escola Militar do Realengo, com apoio do Ministro de Guerra, General Leite de Castro, criou à semelhança da espada invicta de Caxias, o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes do Exército. Segundo esses oficiais veteranos da 1ª Guerra Mundial no Exército da França, o Espadim foi criado para que;

“Caxias, O Duque da Vitória, pairasse no seio dos cadetes do Exército, de igual forma que Napoleão no seio dos cadetes de Saint Cyr”.

E foi no Largo do Machado, na Praça Duque de Caxias e defronte a casa onde residiu o Visconde da Penha (em local onde hoje se ergue o Edifício Visconde da Penha) que teve lugar, em 16 de Dezembro de 1932, a 1ª entrega a cadetes do Espadim de Caxias junto a Estátua Equestre do Duque de Caxias (que fica, hoje, defronte ao Palácio Duque de Caxias para onde ela foi transferida). Do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde se encontra há 90(em 2015) anos, ao que sabemos, somente de lá saiu levada por oficiais do Exército, seus sócios, e com pompa e circunstância conforme exigia o saudoso presidente Pedro Calmon. A primeira vez até a Escola Militar do Realengo, em 1939, levada pelo historiador Tenente Coronel Jonas de Moraes Correa Filho, professor da nova cadeira - **Revisão de Português** - e colocada defronte o Corpo de Cadetes formado e tendo ao lado a espada do General San Martim, trazida por cadetes argentinos em visita ao Brasil.

A segunda e terceira vez foi por mim levada na condição de oficial instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras e de sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e no comando de uma Guarda de Honra e Segurança. integrada por Cadetes. Na primeira ocasião, a espada foi levada à AMAN. em homenagem ao Presidente João Figueiredo, o primeiro detentor do Espadim de Caxias a atingir a Presidência da República. E, em 1980, no Centenário da morte do Duque de Caxias, comemorado nacionalmente na AMAN.



Foto do Duque de Caxias, de seu binóculo de campanha e , sua invicta espada de 6 campanhas tendo ao lado o Espadim de Caxias dos Cadetes do Exército, cópia fiel em escala de sua espada e peças de uniformes dos cadetes e ambos introduzidoz na Escola Militar do Realengo pelo então Coronel José Pessoa quando comandante daquela Escolas e representando o Exército do Império e o da Republica



Ten Cel QEMA Claudio Moreira Bento instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foto no IHGB portando a invicta espada do Duque de Caxias, que lhe foi entregue pelo Presidente Dr Pedro Calmon do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para ser levada a AMAN para as comemorações do centenário de morte do Duque de Caxias. O Dr Calmon foi o orador convidado e tivemos a missão de acompanhá-lo em razão de sua avançada idade.

O Marquês da Gávea, o Ajudante General do Exército de 1872 a 1888.

O Marquês da Gávea era o Ajudante General do Exército em 1888, na ocasião em que o Clube Militar, na figura de seu Presidente, o Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, enviou protesto contra o uso do Exército como capitão de mato, na perseguição de escravos fugidos. Tal protesto que equivaleu a Abolição de fato da Escravatura, proclamada de direito pela Lei Áurea de 13 de maio de 1888, assinada pela Princesa Isabel, que daquele momento consagrada como a Redentora, e o Exército por algum tempo, de Redentor. Essa é a razão de algumas vezes denominarmos o Clube Militar de A casa da Abolição e da República.

O Ajudante General do Exército, essa função foi criada pelo Marquês de Caxias em 1855, e exercida pelo Marquês da Gávea. Essa na realidade comandava o Exército e diretamente a Guarnição da Corte. Ele exerceu por cerca de 16 anos, a de 1872 a 1888, período em que ocuparam o Ministério dezoito Ministros, e dentre eles, o Duque de Caxias, General Osório, o General Câmara, Barão de Loreto (fundador da Biblioteca do Exército) e Tomaz Coelho (criador do Colégio Militar do Rio de Janeiro). O Marquês da Gávea projetou-se na execução das obras destes dezoito ministros, conservadores ou liberais, no Ministério de Guerra.

SAUDADE E GRATIDÃO DA PRINCESA ISABEL AO VISCONDE DA PENHA E SENHORA

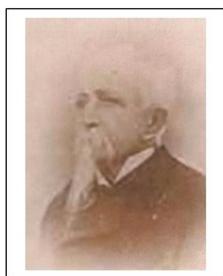


Figura 1: O Visconde da Penha o seu último retrato tirado em Paris (fornecida pelo acadêmico citado D. Beto)

Figura 2: Ao lado, o seu brasão

Princesa Isabel, em seu precioso documento autobiográfico publicado em 15 de maio de 1949, sob o título **Alegrias e Tristezas**, menciona que o Visconde da Penha, às 10 horas de 15 de novembro de 1889, foi o primeiro junto com o Barão de Ivinheima, a dar notícia à Família Imperial de estar ocorrendo no Rio de Janeiro o movimento que culminou com a Proclamação da República. Menciona também que, durante este difícil momento, o Visconde da Penha permaneceu junto ao Imperador, acompanhando-o até o Cais Faroux, por ocasião do embarque do Imperador para o exílio. E que, mais tarde, em Paris, ele visitou a Princesa Isabel que incluiu o Visconde da Penha e família neste agradecimento:

”[...] de tanto devotamento, na aflição destes terríveis dias, a minha melhor saudade e simpatia sincera”.

Cumpriu, assim, com devotamento e lealdade, as suas funções de Veador (secretário) da Imperatriz Tereza Cristina e Ajudante de Campo (secretário) do Imperador D. Pedro II.

Dessa forma, concluímos este resgate com uma síntese de sua vida militar, de cerca de quarenta e nove anos de efetivo serviço.

SÍNTESE DA CARREIRA NO EXÉRCITO DO VISCONDE DA PENHA 1841- 1842-1890

Ingressou no Exército como voluntário em 19 Março de 1842, com dezenove anos, sendo reconhecido 1º cadete, em 20 agosto de 1842, contando antiguidade de 6 Março 1841, data de sua matrícula na Escola Militar do Largo de São Francisco.

Foi destacado, em 2 Dezembro de 1842, para o Rio Grande do Sul, em plena Revolução Farroupilha, sendo nomeado Alferes em comissão para o 2º Batalhão de Fuzileiros, por ato do Barão de Caxias, presidente da Província e Comandante do Exército em Operações que a pacificaria em 1º março de 1845.

Em 11 de Março de 1842, foi promovido a Alferes-Aluno; e a 2º Tenente, 3 dias depois e a 1º tenente em 23 de julho 1843.

Integrou o Destacamento do 1º Batalhão de Artilharia a Pé, enviado a Bahia, em 26 dezembro de 1845, onde permaneceu pouco mais de 2 meses, retornando ao Rio para concluir seu curso na Escola Militar.

Em 13 de Setembro de 1847, foi nomeado Ajudante de Ordens do Comandante das Armas da Corte, depois de concluir seu curso de Engenheiro, tendo apresentado seu Diploma de Bacharel em Matemática, em 5 de Janeiro de 1848.

Em 21 de junho de 1851, seguiu para a Província do Rio Grande do Sul, como Ajudante de Ordens do Barão de Caxias, comandante do Exército em Operações na Guerra contra Oribe e Rosas.

Em 24 de março de 1851, foi classificado por Decreto no Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe. Foi promovido ao posto de Capitão em 19 de junho de 1852.

Em 10 Jul 1852, foi nomeado Ajudante de Ordens do Comandante das Armas da Corte.

Em 21 de Fevereiro de 1855, foi servir na Bahia com seu pai, o Brigadeiro Antonio da Fonseca Costa, como seu Ajudante de Ordens.

Em Dez 1856, foi promovido a Major por Merecimento, aos 33 anos e foi nomeado em 13 de fevereiro de 1857, Assistente do Ajudante General do Exército.

Em 2 de Dezembro de 1861, foi promovido a Tenente Coronel por merecimento e, em 1º de junho de 1865, foi nomeado comandante interino da Província de Santa Catarina.

Em 28 de janeiro de 1866, durante a Guerra da Tríplice Aliança, foi promovido a Coronel por Merecimento, aos 43 anos, sendo em 16 de Março de 1866, nomeado interinamente para o cargo de Quartel Mestre General. Era a cúpula na época do hoje Serviço de Intendência.

Em 10 de outubro de 1866, passou a disposição do Marquês de Caxias, Comandante e Chefe de todas as forças do Império em Operações contra o Governo do Paraguai, sendo nomeado Chefe do Estado-Maior de Caxias, em 11 de novembro de 1866.

Foi promovido a Brigadeiro em 10 de janeiro de 1868, com cerca de 45 anos, tendo sido elogiado por:

“haver se portado com galhardia no ataque ao forte Estabelecimento em 19 fev. 1868, pela ajuda que prestou na execução das ordens que recebeu antes e depois do combate”.

O Marquês de Caxias, em sua Ordem de Dia 19 Jan 1869, fez-lhe o seguinte elogio, antes de se retirar do Teatro de Guerra, depois de conquistado o objetivo político da Tríplice Aliança Brasil, Argentina e Uruguai:

“Não posso nem devo deixar de fazer expressa menção do Brigadeiro João de Souza Fonseca Costa, pela inteligência e dedicação completa com quem desempenhado constantemente as ordens e os variados deveres do elevado cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército, prestando-me em todas as ocasiões a mais dedicada cooperação em tudo quanto tem dependido do seu alto emprego, não só na marcha regular de todos os ramos do serviço público a seu cargo, como nas batalhas e combates a que tem assistido sempre ao meu lado, recebendo e transmitindo minhas ordens e expondo-se com sangue frio e abnegação aos riscos e perigos decorrentes”.

Em 16 de fevereiro de 1869, se apresentou a repartição do Ajudante General, vindo do Teatro de Guerra com seu comandante o Marquês de Caxias.

Em 30 de maio de 1869, retornou ao Teatro de Guerra acompanhando o novo comandante da Forças do Império em Operações contra o Governo do Paraguai, o Marechal Gastão de Orleans, o Conde D’Eu. Apresentou-se no Rio de Janeiro em 22 de julho de 1869, licenciado para tratamento de saúde.

Foi incluído nas felicitações que a Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul fez ao Exército e Armada em 13 de julho de 1869.

Em 17 de maio de 1870, finda a guerra da Tríplice Aliança, foi nomeado Comandante do Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe do Exército.

Em 30 de agosto de 1870, foi encarregado de organizar o **Almanaque Militar**. Em 16 de novembro de 1870, foi nomeado o membro da Comissão de Promoções, como encarregado de organizar o quadro de preenchimento de vagas existentes no Exército e a escala de promoções.

Em 16 de fevereiro de 1871, foi nomeado Ajudante General interino em substituição a seu pai, e, por cerca de mês e meio, assumindo o Comando Geral do Estado-Maior de 1ª Classe.

Em 20 de julho de 1876 foi promovido a Marechal de Campo (equivalente a General de Divisão).

Em 7 de agosto de 1880, foi promovido a Tenente General graduado (equivalente a General de Exército), aos 57 anos. Foi efetivado neste posto em 13 de janeiro de 1883.

Em 9 de agosto de 1888, foi nomeado Conselheiro de Guerra, tomando acento no Conselho de Guerra junto com seu pai. E, ironicamente, eram chamados de “gravatas de ouro”.

E assim devolvemos ao culto da História do Exército de ontem, de hoje e de sempre a figura do Visconde da Penha, que acreditamos tenha sido o maior amigo e colaborador de Caxias em nossa lutas externas de 1851 a 1869.

REFERÊNCIAS

- BENTO, Cláudio Moreira, **Caxias e a Unidade Nacional**. Porto Alegre, RS, Genesis, jun. 2003. _____ **Os 175 da Batalha do Passo de Rosário**. Porto Alegre: AHIMTB, 2003.
- BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **Artilharia Divisionária da 6ª Divisão do Exército**: AD/6 Artilharia Marechal Gastão de Orleans e Conde D’Eu. Porto Alegre: AHIMTB, 2003.
- _____. 2000-200 anos da criação da Academia Real Militar `a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Resende: AHIMTB, 2010. p.91-99 (História do Espadim de Caxias).
- _____. O espadim de Caxias **Letras em Marcha**, nº 82, agosto 1978.
- _____. O Espadim de Caxias **Jornal Agulhas Negras**. AMAN, jul 1978.
- _____. O Espadim de Caxias. **Revista Militar Brasileira**, jul-set 1978

_____. O Espadim de Caxias.dos Cadetes do Exército. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. v.326 jan/mar 1980.p.99/105.

LAGO, Laurêncio. **Os Generais do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

PRINCESA Isabel: alegrias e tristezas. (Esboço autobiográfico no Museu Imperial de Petrópolis. **Arquivo da Casa Imperial POB**, doc. 9335).

NOTA

Texto publicado originalmente no Informativo Guararapes, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, de 19 de Out. 2010. E depois no **ANUARIO** da Academia Militar das Agulhas Negras. Ano 1,nº 1 20011. p.64/71

Quando Diretor do Arquivo Histórico do Exército encontramos um velho cofre descarregado que foi adaptado pelo Arsenal de Guerra para nele ser guardada a espada invicta do Duque de Caxias. O cofre em dois andares foi aberta, entre os dois, uma passagem para nele ser guardada a Espada de Caxias que era guardada num cofre do Instituto misturada com outros itens . Providência para prevenir que num assalto com finalidades políticas ou de simples fruto a espada fosse roubada. E o citado cofre foi doado pelo Exército ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e colocado no Museu do Instituto e entregue suas chaves e segredo a Diretoria da Casa de Pedro Calmon, o ilustre historiador que portando a histórica espada conseguiu com o Presidente Emílio Médici, financiamento para construir a nova sede do IHGB. História é Verdade e Justiça!